

ALCOOLISMO E DINÂMICA FAMILIAR: SENTIMENTOS MANIFESTOS

Cynthia Raquel Ferraboli*
 Andréa Noeremberg Guimarães**
 Marta Kolhs***
 Kíciosan da Silva Bernardi Galli****
 Ariane Noeremberg Guimarães*****
 Jacó Fernando Schneider*****

RESUMO

O álcool é a substância psicoativa mais consumida no Brasil e a estimativa da sua dependência atinge maior população que as outras drogas. O objetivo deste estudo foi conhecer os sentimentos manifestos na dinâmica familiar de famílias com um de seus integrantes alcoolista. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo-exploratório, desenvolvido em 2014, em uma Unidade de Saúde da Família, em Santa Catarina. Os sujeitos foram cinco familiares de alcoolistas, sendo duas esposas, uma mãe, uma irmã e uma filha. A coleta de informações ocorreu por meio de entrevista semiestruturada e a análise a partir da Análise de Conteúdo. Dos resultados, emergiram três categorias: Histórico de dependência e dinâmica familiar com papéis disfuncionais e modelo incongruente; De relações familiares frágeis à violência doméstica; e, Turbilhão de sentimentos da família com membro alcoolista: ilusão, conformismo, dores e medo. Os participantes ressaltaram as relações afetivas conflituosas, a convivência com a angústia diante da situação vivenciada e o esforço dos familiares na luta contra a dependência alcoólica. Notou-se que as entrevistas foram momentos nas quais as entrevistadas puderam partilhar suas vivências, sentimentos e percepções sobre como vivem ao lado de um alcoolista. Ressalta-se a necessidade do acompanhamento familiar em situações de dependência de álcool.

Palavras-chave: Saúde mental. Alcoolismo. Relações familiares.

INTRODUÇÃO

No Brasil, o álcool é a droga mais consumida e 12% da população apresentam problemas decorrentes da dependência dessa substância. O álcool exerce um efeito depressor no Sistema Nervoso Central e seu uso abusivo crônico resulta em deficiências fisiológicas multissistêmicas, incluindo arritmias cardíacas, fraqueza muscular, neuropatias periféricas, cirrose, hemorragias digestivas, pancreatites, quadros degenerativos cerebrais e a Síndrome de Wernicke-Korsakoff⁽¹⁾. Além disso, seu uso durante a gravidez está associado ao aparecimento da Síndrome do Alcoolismo Fetal^(1,2).

O alcoolismo tornou-se um fenômeno no âmbito da saúde coletiva, e constitui um grave problema de saúde pública, tem aumentado

progressivamente, facilitado pelo baixo preço e fácil acesso a bebidas alcoólicas. Ele é considerado a terceira causa de mortalidade e morbidade no mundo⁽³⁾. Está frequentemente associado a acidentes, mortes no trânsito, delinquência, violência, ruptura e desorganização das relações interpessoais, além de desentendimentos familiares e afetivos^(4,5).

O alcoolismo também é considerado uma doença que atinge não somente quem consome a bebida, mas também as pessoas que com ele convive. É na família que as consequências mais danosas se manifestam. Estudos mencionam que o cotidiano da maioria das famílias que convive com o alcoolismo pode ser caótico, marcado por incongruência e fragilidade nas relações afetivas, o que influencia em um distanciamento emocional entre seus membros^(4,6).

Ressalta-se que o consumo de álcool entre

*Psicóloga da Secretaria de Saúde de Riqueza. Especialista em Saúde Coletiva com ênfase em Estratégia da Saúde da Família. Riqueza, Santa Catarina, Brasil. E-mail: cynthiaraquel.ferraboli@yahoo.com.br

**Enfermeira. Mestrado em Enfermagem. Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Chapecó, Santa Catarina, Brasil. E-mail: andrea.guimaraes@udesc.br

***Enfermeira. Mestrado em Gestão em Políticas Públicas. Professora do Departamento de Enfermagem da UDESC. Chapecó, Santa Catarina, Brasil. E-mail: martakolhs@yahoo.com.br

****Enfermeira. Mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho. Professora do Departamento de Enfermagem da UDESC. Chapecó, Santa Catarina, Brasil. E-mail: kiciosan.bernardi@udesc.br

*****Psicóloga do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Especialista em Psicopedagogia. Garopaba, Santa Catarina, Brasil. E-mail: ariane.noeremberg@ifsc.edu.br

*****Enfermeiro. Doutorado em Enfermagem. Professor da Escola de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: jaco_schneider@uol.com.br

juvens está cada vez mais comum e cada vez mais precoce⁽⁷⁾. Muitas vezes, esse público tem sua primeira experiência de consumo dentro da própria família, por meio de hábitos culturais ou sob a forma de diversão⁽⁸⁾. Além disso, dentre os fatores que influenciam o início do consumo do álcool e o desenvolvimento da dependência estão as dinâmicas familiares vivenciadas na infância e na adolescência⁽⁹⁾.

Portanto, o cuidado com a família no campo das dependências é necessário, o qual gera benefícios significativos tanto no padrão de consumo e recaídas do paciente quanto na melhora das relações familiares e sociais⁽¹⁰⁾. Devem ser executadas as políticas do Ministério da Saúde utilizando uma abordagem integral à família, que valoriza os sujeitos e o ambiente em que vivem, permitindo uma compreensão ampliada do processo saúde-doença⁽¹¹⁾, promovendo ações que abrangem promoção e proteção da saúde, prevenção de agravos, diagnóstico, tratamento, reabilitação e manutenção da saúde.

Observam-se lacunas na literatura científica em relação às que tratam dos sentimentos e da dinâmica familiar de famílias que enfrentam essa problemática; portanto, julga-se importante contribuir com um material teórico baseado em pesquisa sobre esse tema, possibilitando o compartilhamento de informações e conhecimentos junto à comunidade acadêmica, científica, profissionais da área da saúde e a comunidade em geral. Destarte, conhecer os sentimentos da família em relação ao alcoolista e as repercussões na dinâmica familiar possibilitará uma reflexão sobre futuras intervenções que possam favorecer o tratamento e a melhoria em saúde, já que esse tema influencia diretamente aspectos biopsicossociais.

Assim, o objetivo do estudo foi conhecer os sentimentos manifestos na dinâmica familiar de famílias com um de seus integrantes alcoolista.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritivo exploratória, realizada de março a setembro de 2014, em uma Unidade de Saúde da Família, de um município do extremo-oeste de Santa Catarina. Este município tem uma população com menos de cinco mil habitantes e é essencialmente agrícola.

Os participantes do estudo foram familiares de alcoolistas que residiam na mesma residência que o alcoolista. A busca dos participantes foi realizada a partir de uma investigação dos prontuários do serviço de psicologia, nos quais estavam registrados os alcoolistas encaminhados para acompanhamento psicológico nos últimos cinco anos, o que contabilizou vinte registros.

Entrou-se em contato com todas as famílias dos alcoolistas registrados, sendo excluídas: famílias em que o alcoolista já não fazia mais parte dessas, como em situação de separação conjugal e falecimento do alcoolista; famílias com alcoolista em abstinência há mais de um ano; e aquelas que não aceitaram realizar a entrevista por medo da reação do alcoolista. Dessa forma, participaram como sujeitos deste estudo cinco familiares.

As informações foram coletadas por uma estudante de um curso de especialização em Saúde Coletiva, por meio de entrevista semiestruturada, com questionamentos de identificação do participante e questões abertas referentes aos sentimentos e à dinâmica familiar. As entrevistas foram gravadas em gravador digital e transcritas. A interpretação de informações foi realizada seguindo as etapas da Análise de Conteúdo: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados/interferência/interpretação⁽¹²⁾.

Na pré-análise, foram realizadas leituras e releituras das entrevistas e sua organização inicial, objetivando ter uma visão geral do que foi dito pelos participantes e perceber as particularidades. A exploração do material permitiu apreender a relevância entre as falas de cada familiar, classificar as ideias centrais e organizá-las em categorias. A etapa de tratamento dos resultados/interferência/interpretação consistiu na elaboração de uma síntese interpretativa das três categorias que emergiram, permitindo o diálogo entre os temas, os objetivos e a fundamentação teórica.

Esta pesquisa atendeu aos aspectos éticos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional da Saúde e foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Santa Catarina (CAAE 27832014.7.0000.0118). Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Como uma das participantes tinha menos de 18 anos, sua mãe assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aceitando a participação da menor na pesquisa, e essa assinou o

Termo de Assentimento Informado. Para resguardar as identidades, os nomes foram substituídos por códigos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os familiares de alcoolistas que participaram das entrevistas eram do sexo feminino, sendo uma mãe, duas esposas, uma filha e uma irmã. Suas idades variaram de 12 a 55 anos. Uma familiar tinha o ensino fundamental completo e as demais tinham o ensino fundamental incompleto. Uma era aposentada, uma estudante e três estavam desempregadas.

A vivência subjetiva com o familiar das pessoas que cederam entrevistas possibilitou conhecer a convivência diária da família com um membro alcoolista. A seguir serão descritos recortes dos relatos de alguns dos familiares, cotejados com literatura pertinente.

Histórico de dependência e dinâmica familiar com papéis disfuncionais e modelo incongruente

Durante as entrevistas, verificou-se a história da dependência, que ocorria há gerações.

Meu pai bebia só que ele não era assim um alcoólatra [...], mas ele bebia desde que eu me lembro dele, ele bebia, meu avô bebia, tinha um irmão do meu pai que faleceu por causa do alcoolismo. (Irmã53)

O avó dele, tinham os tios, todos eles bebiam, não adianta eu não te dizer, eu também um tempo bebia. (Mãe55)

Falam aqui que desde os onze anos o pai dele servia cerveja pros filhos, dava cada pouco, pouquinho, um pouquinho e assim foi indo. O pai dele bebe, os irmãos dele, é a família inteira. (Esposa34)

Nota-se nos depoimentos das familiares o histórico de uso de álcool por vários parentes, o que dá indícios de uma implícita cultura familiar de utilização dessa substância. Estudos trazem que existem componentes genéticos na transmissão de dependências químicas entre gerações e fatores ambientais^(10,13,14). Uma pesquisa cita a existência da combinação entre predisposição genética, metabolismo alterado do álcool e fatores psicológicos, favorecidos pela baixa autoestima, busca de prazer, prevenção da dor e relações familiares prejudicadas, bem como demandas socioculturais, determinadas pela disponibilidade e aceitação cultural do uso abusivo de substâncias⁽⁴⁾.

Na convivência com o alcoolista, os familiares contaram que a dinâmica familiar tem momentos em que os papéis executados pelas pessoas sofrem alterações, tornam-se disfuncionais e têm modelos incongruentes.

Quando a gente pergunta pra ele, ele fala que não deve satisfação pra gente, mas quando a gente sai, aí ele fica toda hora perguntando pra onde a gente vai. [...] Ele fuma perto das meninas {das irmãs mais novas} e até eu fico olhando, eles fumam {O membro alcoolista, ou seja, o pai e a mãe}, vem o cheiro e parece que a gente quer fazer o mesmo deles, até a minha irmã pega o cigarro que tá no chão e bota na boca e faz que fuma e fala: se tu pai e a mãe fumam, eu também posso fumar. Quando elas crescerem elas vão ser que nem ele vai beber bastante e vai incomodar. (Filha12)

Um pai bêbado não tem como dar conselho pra um filho. Meus filhos saíram tudo cedo de casa por causa do pai [...] eles sempre brigavam. Porque meus filhos não podiam ver o pai deles com um copo na mão, ou ele brigando comigo, pois um filho vai pela mãe, é a mesma coisa a gente ter uma filha e não vai, o marido batendo e judiando, a gente não quer, e a mesma coisa os filhos, não vão querer ver maltratando. (Esposa47)

No primeiro depoimento, a filha questiona o comportamento incongruente do pai, já que este não concorda que seja questionado sobre suas saídas, mas questiona as dela. A presença de um alcoolista na família dificulta a tarefa de diferenciação para todos os membros da família. As fronteiras familiares comumente são rígidas ou difusas, os papéis estão frequentemente trocados ou de alguma maneira inadequados⁽¹⁵⁾.

O impacto da família e o contexto de uso e abuso de substâncias psicoativas acontece em estágios, sendo que, em uma das fases, ocorre a desorganização das representações familiares, assumindo papéis rígidos e previsíveis. As famílias assumem responsabilidades de atos que não são seus. É comum ocorrer uma inversão de papéis e funções⁽¹⁾.

A Esposa47 também relatou questionamentos por parte dos filhos sobre o comportamento incongruente do pai. Os cuidados parentais estabelecidos nos primeiros anos de vida são essenciais para o desenvolvimento da saúde mental do indivíduo, dessa maneira, as experiências adversas na infância influenciam também na possibilidade de aparecimento de transtornos mentais na vida adulta⁽¹⁵⁾.

Essa forma de comportamento dos pais representa uma transgressão do poder e do dever que adultos possuem sobre crianças e adolescentes para prestar-lhes cuidados, atenção e provimento de suas necessidades⁽³⁾. Ainda, pesquisas apontam o alcoolismo parental como importante fator de risco para o desenvolvimento ou repetição de comportamentos. No relato, a filha salienta a preocupação e a percepção da repetição de comportamentos⁽¹⁶⁾.

Entende-se que a família, por meio da construção da autonomia e independência de seus membros, deve favorecer a formação de sujeitos capazes de organizar sua própria vida e responsabilizar-se por suas relações sociais⁽¹⁾. Dessa forma, estudos trazem que adolescentes que recebem menos apoio parental são mais propensos ao abuso de substâncias. Já adolescentes com elevado apoio dos pais são menos influenciados pelo alcoolismo. Nas famílias onde não se vivencia situações de violência doméstica, em que existe diálogo sobre os problemas do cotidiano, e há interesse dos pais pelos filhos, é comprovado que é menor a probabilidade do uso abusivo de álcool e o aparecimento de transtornos mentais⁽⁸⁾.

As famílias com membro alcoolista não são obrigatoriamente disfuncionais, assim como nem todas as gerações reproduzem o comportamento pouco assertivo. Porém, percebe-se que o ambiente familiar com o pai alcoolista é descrito com altos níveis de conflito e tensão, falta de clareza em sua organização e falta de confiança e segurança entre os membros⁽¹⁵⁾.

De relações familiares frágeis à violência doméstica

Os participantes do estudo referiram que vivenciam em suas famílias situações de exaustão emocional e falta de diálogo adequado. O alcoolista, sob o efeito da substância psicoativa, por vezes, apresenta comportamentos agressivos.

Mas quando ele está, aí eu fico louca, [...] eu tenho o guri junto, eu preciso dar um jeito. (Mãe55)

Ele falou que prefere a bebida à família. Eu acho que nenhum dos pais que eu tive até agora me fez feliz. (Filha12)

[...] falta de diálogo, porque, também é ruim de entender ela {ex-mulher}. [...] desde o começo foi assim, então ele fez tratamento e ela ia à clínica pra brigar com ele, ela não entendia as coisas. E agora é pior ainda, porque ele acha falta da casa dele, ficou

tudo lá, falta da filha, e dela com certeza também, porque ele gosta muito dela, a gente percebe que ele gosta muito, muito dela. (Irmã53)

A exaustão emocional no cotidiano pode levar ao surgimento de graves distúrbios de comportamento e de saúde na família com membro alcoolista. A situação fica insustentável, levando ao afastamento dos membros e gerando rupturas familiares⁽¹⁾. Crianças e adolescentes em convívio com alcoolistas podem se desenvolver de maneira pouco sadia por presenciarem acontecimentos negativos no ambiente familiar⁽¹⁷⁾.

As experiências dos filhos de alcoolistas variam conforme o grau de apoio emocional proporcionado por cada um dos pais. O comportamento dos pais durante a embriaguez é muito relevante: no caso de haver contínuas discussões, brigas ou violência, o impacto será muito mais adverso do que quando ela não é seguida por agressões verbais ou físicas⁽¹⁸⁾.

Portanto, a presença de uma patologia ocasiona no grupo familiar alteração no convívio entre os membros que o compõem, fazendo com que todos os envolvidos sintam a necessidade de atendimento e apoio⁽¹⁹⁾.

Autores destacam que alcoolistas são descritos como emocionalmente indisponíveis para seus membros familiares e, conseqüentemente, podem ser menos capazes de fornecer a nutrição e a consistência necessária para a construção do apego. Nota-se, assim, que o consumo de bebidas alcoólicas pode prejudicar a relação entre pais e filhos e entre marido e mulher, desgastando o bom funcionamento da casa como um todo⁽¹⁵⁾.

Ainda referente à dinâmica familiar, os familiares precisam conhecer o problema do abuso do álcool e as formas de manejar as condutas e problemas de saúde do alcoolista, discutir entre o grupo a divisão de tarefas no cuidado e atitudes gerais que todos devem adotar⁽¹⁹⁾. Dados esses processos, é fundamental que as famílias sejam incluídas em programas de prevenção e tratamento, assim como incentivadas em seu protagonismo⁽¹⁾.

A Irmã53 relata a dinâmica familiar do irmão, realidade que culminou na separação conjugal, assim como na dependência do irmão. Ao contrário, quando indivíduos buscam no alcoolismo a calma, eles alteram qualidades e quantidades de sentimentos, substituem um

sofrimento incontornável por outro 'controlável', possibilitando, assim, que a disforia que eles não entendem possa ser substituída pelo álcool, que eles entendem e dizem controlar⁽¹⁰⁾.

Para os familiares que têm suas vidas divididas com alcoolistas, o cotidiano mostra-se restrito e uma incógnita, sendo cada momento permeado por alterações comportamentais, transformando a jornada de vencer mais um dia angustiante e estressante⁽¹⁹⁾.

É sempre assim, não existe felicidade. Não quero ficar teimando, discutindo, mas tu tá calada, tu já falou não escuta, aí tu pensa, mas será que esse cristo vai um dia parar na vida, você vai levando sempre numa boa, porque o bêbedo não adianta, é sempre assim, uma coisa sem sentido. (Mãe55)

Ele chega todo mundo fica assustado, chegou o fulano, tá bêbedo! Ah vamos ter que desligar a TV, senta todo mundo. Uma prisão sabe, eu evito falar, porque às vezes eu vou lá perguntar: ah aonde tu tá, e ele responde: não te interessa, por que você quer saber, não tem aquela justificativa. (Esposa34)

A convivência diária com uma pessoa alcoolista implica em diversas formas de violência, desde aquelas que são reconhecidas como tal, até as que estão veladas, por padrões socialmente estabelecidos, que preconizam a permanência da esposa com seu cônjuge alcoolista, mesmo que ele lhe seja infiel ou agressor⁽⁴⁾.

[...] se ele chega bêbedo aqui, ele tem que falar ou brigar, fica nervoso, e a gente tem que dormir cedo, às vezes a TV tá ligada aí tem que desligar, e às vezes nós já estamos dormindo aí ele é quem bota o som alto. (Esposa34)

Quando ele tá bêbedo ele fala: porque tu és puta, vagabunda. Isso é o que me dói, porque a gente não é, porque tu fez isso ou aquilo com fulano, coisa que nunca fiz na minha vida. (Esposa47)

As falas das participantes da pesquisa revelam que elas vivenciam diariamente eventos violentos, porém, não os percebem como formas de violência, sobretudo, aquelas que a literatura aponta como violência psicológica ou agressão emocional, a qual é tão ou mais grave que a física e é um comportamento típico de quem ameaça, rejeita e humilha⁽⁴⁾.

Eu já vou pra cama e já falo pras filhas: vão se deitar. Mas ele vem, e solta piadinha e implica todo santo dia. Ele chama de vagabunda, vadia, que não

faz nada, ameaça de quebrar os dentes. A situação é assim, coisa triste. (Esposa34)

A violência enfrentada por este grupo populacional de mulheres é de caráter menos letal e permanece "invisível" porque, frequentemente, é cometida por alguém de seu convívio – pai, padrasto, parceiro ou parente –, na maioria das vezes, em seus próprios lares⁽²⁰⁾.

A violência foi mencionada pelas participantes de diversas formas: física, verbal, ao patrimônio. Além disso, falaram sobre a ausência de diálogo entre os membros da família.

É, não tem diálogo, é só discussão, se é pra sentar é só pra discutir [...] em relação às filhas no começo era briga com a mais velha, ela puxava a faca, ele puxava pau, sempre estavam brigando. (Esposa34)

E o pai acaba batendo nela {referindo-se à mãe}. Um dia, só porque eu pedi dinheiro pra ele, ele bateu na minha cara também [...] Sem contar que quando ele fica bravo ele sempre quer quebrar alguma coisa, ele vê uma coisa e se não for do modo dele, ele quer quebrar, não importando se foi ele que comprou. (Filha12)

[...] porque na violência não dá, na violência nós não vamos vencer nunca. Ele me retruca, eu sei que tenho razão, mas é sempre a gente que tá errado, nunca ele. (Mãe55)

Minha filha sempre pensa que vamos começar a brigar, ela fica quieta e desconfiada em casa e fica cuidando. Um dia ela falou pro pai dela para ele parar de brigar comigo, daí ele disse: eu não estou brigando, não estou bêbedo. Mas ela chora frequentemente e questiona porque o pai briga comigo, fala que o pai não gosta de mim e que os outros homens não brigam com as mulheres, só o pai dela briga [...]. (Esposa47)

A violência física refere-se ao uso da força para produzir injúrias, feridas, dor ou incapacidade em outrem. Já a violência psicológica acontece por meio de agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir a liberdade ou, ainda, isolá-la do convívio social⁽²⁰⁾.

O consumo prejudicial de álcool pode resultar em: problemas psicológicos e psiquiátricos (agressividade, depressão, ansiedade e crises psicóticas relacionadas ao álcool); problemas sociais e interpessoais (conflitos familiares, violência doméstica e problemas no ambiente de trabalho); conflitos com a lei (dirigir embriagado,

delitos relacionados a comportamentos agressivos ou antissociais); e ocorrência de acidentes⁽⁹⁾.

O comportamento da filha, citado pela Esposa47, traduz a impaciência e compreensão do pai, o que representa violência física e psicológica, que está relacionada à ação e omissão destinada a degradar ou controlar comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação e isolamento⁽²⁰⁾.

Turbilhão de sentimentos da família com membro alcoolista: ilusão, conformismo, dores e medo

Apesar das familiares falarem sobre a agressividade do alcoolista e admitir em diversos momentos que a bebida estava causando problemas, pode-se notar em alguns relatos as incoerências e contradições, que revelam uma relutância em aceitar o problema ou até mesmo um sentimento de ilusão que provoca distorção da percepção. Ainda, pode ser observado o conformismo, que, por várias questões, não rompem relações com o alcoolista.

Ele se arrepende, e diz assim: desculpe-me, me perdoe, eu não vou fazer mais isso. Não faz mais isso por uns quinze ou vinte dias, depois volta a beber e faz tudo de novo [...] eu penso assim, eu vou arrumar a casa, a casa está no meu nome, e pode ser que um dia, ele fique mais velho e mude. E eu tenho dó de sair de casa, abandonar o que é meu. (Esposa47)

Eu não botei mais pra frente, porque mulher separada não presta, e também eu estou aqui sozinha. Ele sempre me diz que pode por dez, quinze advogados em cima de mim, pra tomar as meninas, ele tem a família pra falar por ele, e eu não tenho ninguém [...] eu fico com ele, porque eu passei a situação sem o pai das meninas, e foi triste, uma mulher sozinha é difícil. [...] mulher sozinha com homem na verdade eles acham que é uma mulher de zona. (Esposa34)

O alcoolismo difere de outras doenças que podem afetar a vida familiar, pois a família, assim como o bebedor, desenvolve um rígido sistema de negação, numa tentativa de evitar o reconhecimento do problema. Os efeitos do alcoolismo destroem e distorcem a autoconfiança e a autoestima na família⁽¹⁵⁾.

Estudos trazem que, para assegurar o casamento, vale até silenciar a própria vontade, em nome da ética, do sentimento de satisfação por

cumprir o mandato social de continuar casada. A esposa tem que lidar com problemas tanto emocionais quanto práticos. As questões práticas são tangivelmente ameaçadoras: pode resultar em graves danos pessoais^(4,18).

As entrevistadas mencionaram sentimento de vergonha, acanhamento frente aos vizinhos que escutam brigas e à comunidade que relata situações. Estudos revelam forte sentimento de vergonha em relação ao familiar alcoolista devido a suas atitudes constrangedoras e comprometedoras na vida social dos familiares⁽²¹⁾.

Mais comum, porém, é o conjunto de pequenos problemas concretos com o qual precisa se defrontar, no qual está inserida a falta de dinheiro, que influencia a dependência. Esta tem raízes profundas nas estruturas culturais, sociais, econômicas e políticas⁽²⁰⁾. Frente a essa situação, a mulher pode se sentir presa à relação em decorrência da falta de perspectiva de vida e da possibilidade de comprometimento da sobrevivência⁽⁴⁾.

A dependência é percebida de duas formas. Primeiramente, por parte da esposa, filha e mãe, pois suas maiores fontes de renda é o alcoolista, já que este é, muitas vezes, o único trabalhador na casa. Posteriormente, percebe-se a dependência cultural nas situações em que o cônjuge do alcoolista é descrito como alguém 'orientado' para as necessidades do outro, dependente em demasia da aprovação alheia e com baixa autoestima⁽¹⁸⁾.

Esta relação é apresentada pela Esposa34, que demonstra uma dedicação incansável ao parceiro, conferindo-lhe uma condição de dependência no que tange ao relacionamento e aos cuidados afetivos:

Eu tenho que me rebaixar, tu não vê uma briga, tu não vê uma encrenca. Você puxa saco, oferece chimarrão e comida, mas nunca fala em ir dormir, pois é briga na certa. Ele diz: tu não me manda, quem é você, nem meu pai me manda, nenhuma mulher vai me mandar. (Esposa34)

Algumas teorias mencionam que, no fundo, algumas esposas desejam que o marido, filho e irmão sejam alcoolistas. Com base no fato de que muitas das famílias já tiveram um pai alcoolista, argumenta-se que as mulheres se casam com um alcoolista em busca de solucionar a dinâmica não resolvida, talvez, por isso, têm um sentimento de ilusão⁽¹⁸⁾.

Nos últimos dias ele tem mudado, ele toma, mas não briga mais, ele mudou depois que ele começou a construir casas, mas às vezes ainda ocorre uma discussão. [...] Eu pensava assim, me tira esse amor que eu tenho por ele, por que eu sofreria menos. Ele sempre diz que eu não gosto dele, desconfia. (Esposa47)

As falas da Esposa47 demonstram a esperança de que o familiar vai mudar um dia e o grande amor pelo parceiro. A impressão é de que esse amor é uma dependência, já que, em outros momentos, ela fala que aceitaria que ele bebesse, mas bebesse menos, ou demonstra alegria pelo esposo já estar bebendo menos.

Autores citam que o cuidar do alcoolista se mostra como algo desgastante, humilhante, gerador de frustração, fazendo com que surjam dificuldades, tanto emocionais do cuidador quanto no contexto geral de vida de cada um⁽¹⁹⁾.

Eu não choro perto dele, ele diz que não adianta chorar, me chama de falsa, ele não se preocupa. [...] Eu acho que eu nunca senti o que é uma felicidade, com meus pais eu sofri, trabalhei, fiquei até os treze anos longe de casa, sem ter ajuda de ninguém, me virando sozinha. E hoje também estou sozinha, não sei dizer que tenho felicidade. O primeiro marido me traía vinte e quatro horas, na frente das meninas. Então pra mim hoje com 34 anos, longe de casa, sem ninguém, me separar novamente é totalmente pior. Eu não sei o que é viver tranquila. (Esposa34)

Quando meu pai chega bêbado em casa, a gente vai dormir bem tarde, porque as meninas também não conseguem dormir. Então no outro dia eu não consigo acordar, eu fico caindo de sono, como é que eu vou prestar atenção na aula. (Filha12)

É de tão nervosa eu fico. (Esposa47)

Os familiares também oscilam de humor, às vezes demonstrando ataque, manipulação, mimos, inércia ou evitação. Entretanto, o que é percebido frequentemente é o estresse imposto pela imprevisibilidade do que vai acontecer; a esposa não sabe se, ao sair do bar, o marido estará sentimental e carinhoso ou de mau humor, pronto para agredi-la⁽¹⁸⁾.

[...] nervosa, preocupada... vai chegar à noite, ele vai beber, parece sempre que ele está no bar bebendo. Fico preocupada, não vejo a hora dele chegar em casa, pra ver se tá bêbado ou não tá. (Esposa47)

Ainda, além do impacto geral sobre a saúde psicológica, vários processos dinâmicos

importantes relacionados ao crescimento psicológico podem ser afetados. A criança pode, por exemplo, ser seriamente privada de um modelo satisfatório de pai⁽¹⁸⁾.

Com relação ao bem-estar dos filhos, uma pesquisa mostra que eles estão entre os membros da família mais afetados pelo alcoolismo e que a convivência com um pai alcoolista pode levá-los a se tornarem pessoas cujas vidas serão marcadas por uma história de desconfiança e medo⁽⁴⁾.

É ela já tem aquele medo [...] Com medo, medo de ele me bater [...]. (Esposa47)

O medo é uma sensação que proporciona um estado de alerta demonstrado pelo receio de fazer alguma coisa, geralmente por se sentir ameaçado, tanto fisicamente como psicologicamente⁽²⁰⁾. Em altos níveis, ele pode ser um elemento estressor também.

Algumas entrevistas não foram realizadas em consequência do medo que alguns familiares tinham de falar sobre alcoolismo. Também, a entrevista com a Esposa47 precisou ser remarcada duas vezes, pois, quando foi agendada pela primeira vez, o marido estava em casa e, na segunda tentativa, ele a acompanhou, deixando-a com medo.

CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo demonstraram que a dependência de álcool tem impacto em diversos aspectos da vida do indivíduo e de seus familiares. A família adoce junto com o alcoolista, principalmente em decorrência da relação familiar e de papéis dos membros familiares disfuncionais. O fato de um dos familiares beber pode provocar separações, desentendimentos, violência física, psicológica e patrimonial. Comumente, os filhos veem os pais sendo criticados por parentes, vizinhos e amigos.

Dentre os sentimentos referidos pelas familiares, notou-se o medo. Isso explica o fato de algumas entrevistas terem sido agendadas e posteriormente canceladas, o que se considerou como uma limitação desse estudo.

É importante refletir e sugerir mais ações de saúde coletiva, como as próprias políticas públicas do Ministério da Saúde solicitam, realizando a assistência à saúde da família como um todo, e não apenas centrada no alcoolista. Isso porque os

familiares adocem ao redor deste, e podem ser novos alcoolistas, repetindo sua cultura familiar internalizada.

Portanto, é necessário o acompanhamento familiar em casos de dependência de álcool, na tentativa de abordar tanto o padrão de consumo do paciente quanto a melhora das relações familiares e resgate dos papéis representados por cada um na família. Assim, diante das políticas públicas, é fundamental incluir os familiares nos cuidados e no

planejamento da assistência à saúde, tendo uma visão coletiva do problema.

Além disso, é interessante oferecer um espaço de apoio e suporte psicológico, individual e de grupo, tanto para o membro alcoolista – para superação de problemas desta ordem e no exercício de papéis sociais, buscando alternativas saudáveis para viverem e conviverem – quanto para os familiares com o intuito de promover o fortalecimento e resgate de autoestima e equilíbrio emocional.

ALCOHOLISM AND FAMILY DYNAMICS: FEELINGS SHOWN

ABSTRACT

The alcohol is psychoactive substance most commonly used in Brazil and the estimate of its addiction reaches great part of population than other drugs. The aim of this study is to understand the feelings expressed in family dynamics of families with an alcoholic member. It is a qualitative study, descriptive-exploratory, developed in 2014, at a family health center, in Santa Catarina state. The subjects were five family members: two wives, a mother, a sister and a daughter. Data collection occurred by semi-structured interviews and analysis through Content Analysis. From the results, three categories have emerged: Addiction history and family dynamics with dysfunctional roles and incongruous model; From fragile family relationships to domestic violence; and Family mixed feelings with an alcoholic member: illusion, conformity, pain and fear. The participants highlighted conflicting affective relationships, the coexistence with the anguish in the experienced situation and the efforts of the family in the struggle against alcohol addiction. It was noted that the interviews were moments in which the respondents were able to share their experiences, feelings and perceptions about how they live next to an alcoholic. It is emphasized the need for family support in alcohol addiction situations.

Keywords: Mental health. Alcoholism. Family relationships.

EL ALCOHOLISMO Y LA DINÁMICA FAMILIAR: SENTIMIENTOS MANIFESTADOS

RESUMEN

El alcohol es la sustancia psicoactiva más consumida en Brasil y la estimación de su dependencia alcanza una mayor población que las otras drogas. El objetivo de este estudio fue conocer los sentimientos manifiestos en la dinámica familiar de familias con uno de sus integrantes alcohólico. Se trata de un estudio cualitativo, descriptivo-exploratorio, desarrollado en 2014, en una Unidad de Salud de la Familia, en Santa Catarina. Los sujetos fueron cinco familiares de alcohólicos, siendo dos esposas, una madre, una hermana y una hija. La recolección de informaciones ocurrió por medio de entrevista semiestructurada y el análisis a partir del Análisis de Contenido. De los resultados emergieron tres categorías: Histórico de dependencia y dinámica familiar con roles disfuncionales y modelo incongruente; De relaciones familiares frágiles a la violencia doméstica; y Remolino de sentimientos de la familia con miembro alcohólico: ilusión, conformismo, dolores y miedo. Las participantes señalaron las relaciones afectivas conflictivas, la convivencia con la angustia delante de la situación vivida y el esfuerzo de los familiares en la lucha contra la dependencia alcohólica. Se observó que las entrevistas fueron momentos en los cuales las entrevistadas pudieron compartir sus experiencias, sentimientos y percepciones sobre cómo viven al lado de un alcohólico. Se resalta la necesidad del acompañamiento familiar en situaciones de dependencia de alcohol.

Palabras clave: Salud mental. Alcoholismo. Relaciones familiares.

REFERÊNCIAS

1. Brasília. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Prevenção ao uso indevido de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. 6ª ed. Brasília: SENAD-MJ/NUTE-UFSC; 2014. Mimeografado. Brasil. Ministério da Justiça. Brasília; 2014.
2. Moraes LF, Carvalho RHSBF. Álcool, gravidez e síndrome alcoólica fetal: uma proposta de educação em saúde. *Rev Bras Educação Saúde* [on-line]. 2015 jan/mar. [citado em 18 mar 2015];5(1):1-8. Disponível em: URL:

<http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/3130>.

3. Brasília. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Prevenção ao uso indevido de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias. 4ª ed. Brasília: SENAD-DF; 2011. Mimeografado. Brasil. Ministério da Justiça. Brasília; 2011.
4. Sena ELS, Boery RNSO, Carvalho PAL, Reis HFT, Marques ANM. Alcoolismo no contexto familiar: um olhar fenomenológico. *Texto & Contexto Enferm* [on-line]. 2011 abr/jun. [citado em 7 abr 2013];20(2):310-8. Disponível em:

- URL: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072011000200013&script=sci_arttext.
5. Ferreira Filha MO, Sá ANP, Rocha IA, Silva VCL, Souto CMRM, Dias MD. Alcoolismo no contexto familiar: estratégias de enfrentamento das idosas usuárias da terapia comunitária. *Rev Rene* [on-line]. 2012 jan/fev. [citado em 18 mar 2015];13(1):26-35. Disponível em: URL: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/13/10>.
6. Santos AM, Silva MRS. A experiência de cuidar da mulher alcoolista na família. *Rev Esc Enferm USP* [on-line]. 2012 abr/jun. [citado em 18 mar 2015];46(2):364-7. Disponível em: URL: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342012000200014&script=sci_arttext.
7. Carvalho DA, Gomes RIB, Sousa VEC, Sardinha AHL, Costa Filho MR. Hábitos alcoólicos entre universitários de uma instituição pública. *Cienc cuid saúde* [on-line]. 2011 jul/set. [citado em 29 jul 2015];10(3):571-7. Disponível em: URL: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/14633/pdf>
8. Cerqueira GS, Lucena CT, Gomes ATM, Freitas APF, Rocha NFM, Mariz SR. Consumo de álcool entre estudantes de uma escola pública da cidade de Cajazeiras. *Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog* [on-line]. 2011 jan/abr. [citado em 07 abr 2013];7(1):18-24. Disponível em: URL: <http://www.revistas.usp.br/smad/article/view/38735>.
9. Monteiro CFS, Dourado GOL, Graça Júnior CAG, Freire AKL. Relatos de mulheres em uso prejudicial de bebidas alcoólicas. *Esc Anna Nery* [on-line]. 2011 jul/set. [citado em 7 abr 2013];15(3):567-72. Disponível em: URL: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452011000300018&script=sci_arttext.
10. Diehl A, Cordeiro DC, Laranjeira R. Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas. *Porto Alegre: Artmed*; 2011.
11. Dutra EM, Vasconcelos EE, Teófilo JKS, Teófilo LJS. Atenção integral aplicada à família: relato de experiência. *Rev Polit Públicas* [on-line]. 2012 jan/jun. [citado em 18 mar 2015];11(1):55-9. Disponível em: URL: <http://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/267/240>.
12. Minayo MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29ª ed. Petrópolis: Vozes; 2010.
13. Marques ALM, Mângia EF. Itinerários terapêuticos de sujeitos com problemáticas decorrentes do uso prejudicial de álcool. *Interface* [on-line]. 2013 abr/jun. [citado em 18 mar 2015];17(45):433-44. Disponível em: URL: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832013000200015&script=sci_arttext.
14. Manguieira SO, Loles MVO. Família disfuncional no contexto do alcoolismo: análise de conceito. *Rev Bras Enferm* [on-line]. 2014 jan/fev. [citado em 18 mar 2015]; 67(1):149-54. Disponível em: URL: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v67n1/0034-7167-reben-67-01-0149.pdf>.
15. Souza J, Carvalho ANM. Filhos adultos de pais alcoolistas e seu relacionamento na família de origem. *Sau e Transf Soc* [on-line]. 2012 abr/jun. [citado em 16 mar 2015]; 3(2):43-51. Disponível em: URL: <http://www.redalyc.org/pdf/2653/265323670008.pdf>.
16. Wandekoken KD, Vicente CR, Siqueira MM. Alcoolismo parental e fatores de risco associados. *Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog* [on-line]. 2011 set/dez. [citado em 7 abr 2013];7(3):161-7. Disponível em: URL: http://www2.eerp.usp.br/resmad/verArtigo_port.php?idioma=portugues&ano=2011&volume=7&numero=3&id=205.
17. Giffoni FAO, Santos MA. Terapia comunitária como recurso de abordagem do problema do abuso do álcool, na atenção primária. *Rev Latino-Am Enfermagem* [on-line]. 2011 maio/jun. [citado em 7 abr 2013];19(no.esp):821-830. Disponível em: URL: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692011000700021&script=sci_arttext.
18. Edwards G, Marshall EJ, Cook CCH. O tratamento do alcoolismo: um guia para profissionais da saúde. *Porto Alegre: Artmed*; 2005.
19. Gonçalves JRL, Galera SAF. Assistência ao familiar cuidador em convívio com o alcoolista, por meio da técnica de solução de problemas. *Rev Latino-Am Enfermagem* [on-line]. 2010 maio/jun. [citado em 07 abr 2013];18(no. esp):543-9. Disponível em: URL: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692010000700009&script=sci_arttext.
20. Brasília. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *Mulher adolescente/jovem em situação de violência*. Brasília: SPM/PR; 2007. Mimeografado. Brasil. Presidência da República. Brasília; 2007.
21. Silva CMP, Hildebrandt LM, Stumm EMF, Leite MT, Piovesan SMS. A convivência do familiar com a pessoa alcoolista no espaço doméstico. *Rev Contexto Saúde* [on-line]. 2011 jan/jun. [citado em 18 mar 2015];10(20):43-50. Disponível em: URL: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/1501>.

Endereço para correspondência: Andréa Noeremberg Guimarães. Rua Sete de Setembro, 91D. Chapecó, Santa Catarina, Brasil. CEP: 89801-140. Telefones: (49) 2049-9569. E-mail: andrea.guimaraes@udesc.br

Data de recebimento: 12/04/2015

Data de aprovação: 27/10/2015